



PREFEITURA DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO
SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO
SUBSECRETARIA DE ENSINO
COORDENADORIA DE EDUCAÇÃO

1º Bimestre LÍngua

ESCOLA MUNICIPAL _____

NOME: _____ TURMA: _____

2012



alissonlimadesigner.blogspot.com

EDUARDO PAES
PREFEITURA DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO

CLAUDIA COSTIN
SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO

REGINA HELENA DINIZ BOMENY
SUBSECRETARIA DE ENSINO

MARIA DE NAZARETH MACHADO DE BARROS VASCONCELLOS
COORDENADORIA DE EDUCAÇÃO

MARIA DE FÁTIMA CUNHA
SANDRA MARIA DE SOUZA MATEUS
COORDENADORIA TÉCNICA

MARIA TERESA TEDESCO
CONSULTORIA

GINA PAULA BERNARDINO CAPITÃO MOR
SARA LUISA OLIVEIRA LOUREIRO
ELABORAÇÃO

CARLA DA ROCHA FARIA
LEILA CUNHA DE OLIVEIRA
SIMONE CARDOZO VITAL DA SILVA
REVISÃO

LETICIA CARVALHO MONTEIRO
MARIA PAULA SANTOS DE OLIVEIRA
DIAGRAMAÇÃO

BEATRIZ ALVES DOS SANTOS
MARIA DE FÁTIMA CUNHA
DESIGN GRÁFICO



Olá!
Bem-vindo ao 9º ano!
Este caderno é planejado para ajudá-lo a ser cada vez mais competente no uso da nossa língua portuguesa.

Você está chegando a um novo ano, a um novo momento da sua vida. Sua turma mudou?
Chegaram novos colegas ou permaneceram os mesmos?
Certamente você não é igual ao que foi no ano que passou....

O que caracteriza as pessoas? O que as faz diferentes umas das outras?
É fácil conhecer as pessoas verdadeiramente?
Nossa história de vida e nossas memórias contribuem para o nosso jeito particular de ser?
E como deve ser a convivência com o outro?
Em diferentes textos, neste caderno, nós o convidamos a refletir sobre essas questões.
Na primeira atividade, vamos começar a reflexão sobre identidade.

Texto 1 Traduzir-se

Pare e reflita: sobre o que deve tratar um poema com esse título?
Se fosse somente “Traduzir” mudaria o sentido?

Repare na estrutura do poema.
Ela se organiza pela relação “uma parte X outra parte”.
Essa relação significa uma conclusão, uma consequência ou uma oposição?

Uma parte de mim
é todo mundo;
outra parte é ninguém:
fundo sem fundo.

Uma parte de mim
é multidão;
outra parte estranheza
e solidão.

Uma parte de mim
pesa, pondera;
outra parte
delira.

Uma parte de mim
almoça e janta;
outra parte
se espanta.

Uma parte de mim
é permanente;
outra parte
se sabe de repente.

Uma parte de mim
é só vertigem;
outra parte,
linguagem.

Traduzir uma parte
na outra parte
— que é uma
questão
de vida ou morte —
será arte?

Olhe que interessante! Aqui, linguagem se contrapõe à vertigem. A linguagem organiza o pensamento. E “vertigem”, você sabe o que significa? Tente descobrir, partindo das “pistas” que o texto fornece. Caso não consiga, procure a palavra no dicionário.

Agora que você já leu o poema e teve as primeiras impressões, vamos aprofundar a leitura.
As questões abaixo são um guia para você embarcar na viagem da leitura!

1. Você percebeu que a estrutura do texto anuncia a oposição entre “uma coisa” e “outra coisa”? Retire do texto os versos que comprovam sua resposta.

2. Explique o sentido do uso da expressão destacada em: “Uma parte de mim/é permanente;/outra parte/**se sabe de repente**.”

3. Explique o significado do título: “Traduzir-se”.

Agora o seu desafio é ... “**traduzir-se**”!

A escrita é uma forma de expressão, um meio de mostrar-se para o outro... Mostre-se para a sua turma.

A ideia é que você se utilize da mesma estrutura do poema de Ferreira Gullar, com a oposição “uma parte” X “outra parte”.

<http://sentidoparaavi-da.blogspot.com/>



Texto 2

*“Para ser grande, sê inteiro: nada
Teu exagera ou exclui.
Sê todo em cada coisa. Põe quanto és
No mínimo que fazes.
Assim em cada lago a lua toda
Brilha, porque alta vive.”*

Ricardo Reis

PESSOA, Fernando. *Poesia; poesias de Ricardo Reis*.
São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

1.Qual o sentido da palavra “grande”, no primeiro verso do poema?

2.Segundo o poema, o que é necessário para ser “grande”?

<http://wendelsantosmusica.blogspot.com>



Para saber mais!

Você reparou o autor do texto 2? Observe a referência do texto. É um livro de Fernando Pessoa (1888 -1935), um importante escritor português. Uma das características desse escritor é ter tido mais de 127 heterônimos.

Heterônimo é um nome imaginário, usado por um escritor para escrever como se fosse outra pessoa, criando para si uma outra identidade.

Ricardo Reis é um dos principais heterônimos de Fernando Pessoa, junto de Alberto Caeiro e Álvaro de Campos. Vale a pena ler seus poemas!



Fernando Pessoa, desenho de Almada Negreiros. In: PESSOA, Fernando. *Obra poética*. Rio de Janeiro. Editora Nova Aguilar, 1997.

Agora, vamos ler a história de uma menina construindo sua identidade...



<http://nakamu.rarobdesenhos.blogspot.com/>



Texto 3

O diamante

Um dia, Maria chegou em casa da escola muito triste.

— O que foi?— perguntou a mãe de Maria.

Mas Maria nem quis conversa. Foi direto para o seu quarto, pegou o seu Snoopy e se atirou na cama, onde ficou deitada, emburrada.

A mãe de Maria foi ver se Maria estava com febre. Não estava. Perguntou se Maria estava sentindo alguma coisa. Não estava. Perguntou se estava com fome. Não estava. Perguntou o que era, então.

— Nada — disse Maria.

A mãe resolveu não insistir. Deixou Maria deitada na cama, abraçada com o seu Snoopy, emburrada. Quando o pai de Maria chegou em casa do trabalho a mãe de Maria avisou:

— Melhor nem falar com ela...

Maria estava com cara de poucos amigos. Pior, estava com cara de amigo nenhum.

Na mesa do jantar, Maria de repente falou:

— Eu não valo nada.

O pai de Maria disse:

— Em primeiro lugar, não se diz “eu não valo nada”. É “eu não valho nada”. Em segundo lugar, não é verdade. Você *valhe* muito. Quer dizer, vale muito.

— Não valho.

— Mas o que é isso?— disse a mãe de Maria. —Você é a nossa filha querida. Todos gostam de você. A mamãe, o papai, a vovó, os tios, as tias. Para nós, você é uma preciosidade.

Este conto é do escritor brasileiro Luis Fernando Veríssimo. O autor é famoso por suas crônicas e textos de humor publicados em jornais de grande circulação. Também é cartunista, tradutor e músico.

Veríssimo é filho do também escritor Érico Veríssimo.

Vale a pena visitar a Sala de Leitura e ler textos dos dois autores (pai e filho).



Mas Maria não se convenceu. Disse que era igual a mil outras pessoas. A milhões de outras pessoas.

— Só na minha aula tem sete Marias!

— Querida...— começou a dizer a mãe. Mas o pai interrompeu.

— Maria, disse o pai —, você sabe por que um diamante vale tanto dinheiro?

— Porque é bonito.

— Porque é raro. Um pedaço de vidro também é bonito. Mas o vidro se encontra em toda parte. Um diamante é difícil de encontrar. Quanto mais rara é uma coisa, mais ela vale. Você sabe por que o ouro vale tanto?

— Por quê?

— Porque tem pouquíssimo ouro no mundo. Se o ouro fosse como areia, a gente ia caminhar no ouro, ia rolar no ouro, depois ia chegar em casa e lavar o ouro do corpo para não ficar suja. Agora, imagina se em todo o mundo só existisse uma pepita de ouro.

— Ia ser a coisa mais valiosa do mundo.

— Pois é. E em todo o mundo só existe uma Maria.

— Só na minha aula são sete.

— Mas são outras Marias. —

— São iguais a mim. Dois olhos, um nariz...

— Mas esta pintinha aqui nenhuma delas tem.

— É...

— Você já se deu conta que em todo o mundo só existe uma você?

— Mas, pai...

— Só uma. Você é uma raridade. Podem existir outras parecidas. Mas você, você mesmo, só existe uma. Se algum dia

aparecer outra você na sua frente, você pode dizer: é falsa.

— Então eu sou a coisa mais valiosa do mundo.

— Olha, você deve estar valendo aí uns três trilhões...

Naquela noite a mãe de Maria passou perto do quarto dela e ouviu Maria falando com o Snoopy.

— Sabe um diamante?

VERISSIMO, Luis Fernando. *O santinho*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

1. Por que Maria chegou triste da escola?

2. No trecho “A mãe de Maria foi ver se Maria estava com febre. Não estava. Perguntou se Maria estava sentindo alguma coisa. Não estava. Perguntou se estava com fome. Não estava.”, o que a repetição do termo “Não estava” pretende enfatizar?

3. Que argumento a mãe usou para tentar convencer a filha de que ela era muito querida?

4. E o pai, que argumento usou?

5. No trecho "Porque tem pouquíssimo ouro no mundo. **Se** o ouro fosse como areia, a gente ia caminhar no ouro, ia rolar no ouro, depois ia chegar em casa e lavar o ouro do corpo para não ficar suja." , que ideia é estabelecida pela conjunção destacada? Explique. Reescreva o trecho, substituindo a conjunção por outra equivalente.

6. No trecho ‘— Em primeiro lugar, não se diz “eu não valho nada”. É “eu não valho nada”.’ aparecem aspas. O que elas indicam?

7. Por que a mãe disse ao pai: "Melhor nem falar com ela..."?

8. Que fala da Maria confirma que ela não queria conversar?

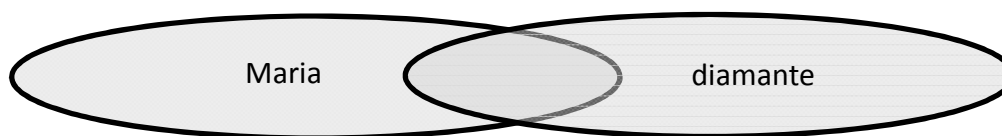
9. Que argumento foi usado por Maria para reforçar sua opinião de que era igual a muitas outras pessoas?

10. No começo do texto, que opinião Maria tinha sobre ela mesma? Retire do texto a frase que expressa essa opinião.

11. Maria é convencida pelo pai e muda de opinião. Que frase deixa isso claro?

12. O trecho “Então eu sou a coisa mais valiosa do mundo.” apresenta uma conclusão. Que palavra do trecho marca essa ideia?

13. O pai de Maria faz uma comparação implícita entre Maria e um Diamante. Essa comparação acontece porque, para o pai de Maria, Maria e o Diamante têm uma característica em comum. Complete o esquema abaixo com essa característica.



14 De acordo com a fala final da menina, "Sabe um diamante?", o que se pode concluir que ela fará?

15. Compare o título “**O** diamante” com a fala final da menina “Sabe **um** diamante?” e explique a diferença causada pelo uso dos termos destacados.

16. Explique por que podemos dizer que esse texto trata do tema identidade.

Texto 4

O menino que carregava água na peneira

Tenho um livro sobre águas e meninos.
Gostei mais de um menino
que carregava água na peneira.

A mãe disse
que carregar água na peneira
Era o mesmo que roubar vento e sair correndo com ele para mostrar aos irmãos.

A mãe disse que era o mesmo que
catar espinhos na água
O mesmo que criar peixes no bolso.

O menino era ligado em *despropósitos*.
Quis montar os alicerces de uma casa sobre orvalhos.

A mãe reparou que o menino
Gostava mais do vazio
do que do cheio.
Falava que os vazios são maiores
e até infinitos.

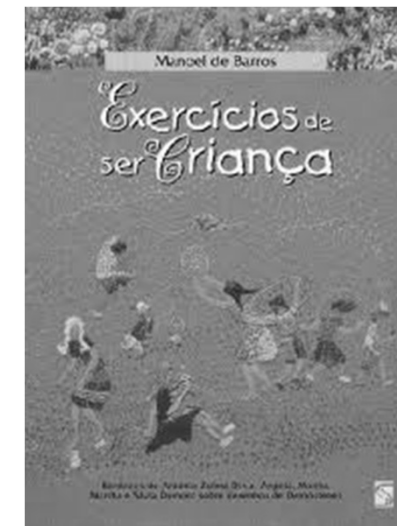
Com o tempo aquele menino
que era cismado e esquisito
Porque gostava de carregar água na peneira
Com o tempo descobriu que escrever seria o mesmo que carregar água na
peneira.

Observe que o texto afirma: Escrever=carregar água na peneira.

O menino dessa história é muito
especial...
E o modo de contar a história também!



<http://nakamuradobdesenhos.blogspot.com/>



No escrever o menino viu
que era capaz de ser
noviça, monge ou mendigo
ao mesmo tempo.

O que significa fazer
“peraltagens” com as palavras?

O menino aprendeu a usar as palavras.
Viu que podia fazer peraltagens com as palavras.
E começou a fazer peraltagens.

Observe que o texto
brinca com a função
do ponto final na
nossa língua.

Foi capaz de interromper o voo de um pássaro
botando ponto no final da frase.
Foi capaz de modificar a tarde botando uma chuva nela.

O menino fazia prodígios.
Até fez uma pedra dar flor!
A mãe reparava o menino com ternura.

Para a mãe, o que é ser
poeta?

A mãe falou:
Meu filho você vai ser poeta.
Você vai carregar água na peneira a vida toda.
Você vai encher
os vazios com as suas

peraltagens

E algumas pessoas
vão te amar por seus

despropósitos

BARROS, Manoel de. *Exercícios de ser Criança*. Rio de Janeiro: Salamandra, 1999.

Para saber ainda mais...

Sugerimos que você visite o
site
<http://www.sodez.com.br/>
e saiba mais sobre Manoel de
Barros assistindo ao filme.



A desbiografia de Manoel de Barros
Direção e Roteiro: Pedro Cezar



Fique ligado!



Denotação X conotação

Você reparou o uso da expressão “carregar água na peneira”?

Ela não é usada no seu sentido objetivo, concreto, literal. O mesmo acontece com a expressão “entrar pelo cano” na frase: “André errou todas as questões da prova. Coitado, ele entrou pelo cano!”

Fique atento! “Quando as palavras são utilizadas com seu sentido comum (o que aparece no dicionário) dizemos que foram empregadas **denotativamente**.

Quando são utilizadas com um sentido diferente daquele que lhe é comum, dizemos que foram empregadas **conotativamente**.”

<http://www.brasilecola.com/literatura/denotacao-conotacao.htm>

Compare essas duas definições:

Beija-flor s.m. (zoo)
pássaro pequeno de
bico longo e fino, que
se alimenta do néctar
das flores; colibri.

Dicionário escolar da língua
portuguesa. Academia
Brasileira de letras. São
Paulo: Companhia Editora
Nacional, 2008

“A palavra BEIJA- FLOR é luxo solto

Em voos lépidos.

É febril no corpo

e no fino bico

que beija fundo

E fere a flor

De amor

e foge leve,

e foge breve.

JOSÉ, Elias. *Pequeno dicionário poético-
humorístico ilustrado*. São Paulo: Paulinas, 2006.

Para saber um pouco mais, leia o próximo texto e compare seu tema ao tema de “O menino que carregava água na peneira”.

Texto 5

Menino de 13 anos revoluciona captação de energia solar

Aidan Dwyer, 13, criou uma maneira de aproveitar melhor a energia do sol, organizando painéis solares. A invenção obteve um aumento na eficiência entre 20% e 50%.

O americano Aidan Dwyer, 13, criou uma maneira de aproveitar melhor a energia do sol, organizando painéis solares. O resultado de sua invenção aumentou de 20% a 50% a eficiência do sistema. O invento se assemelha a uma planta em sua forma e função.

A ideia de Dwyer, apresentada em uma feira de ciência na escola, lhe rendeu o prêmio “Jovem Naturalista 2011”, concedido pelo Museu Americano de História Natural, e foi inspirada no mecanismo que as árvores possuem de absorver a luz solar.

Hoje em dia, os painéis solares são dispostos horizontalmente, ao contrário do sistema “criado” pela natureza e, ao perceber isto, o menino resolveu gerar um dispositivo vertical, com pequenos painéis solares, de maneira que ficassem organizados como as folhas nos galhos.

Em uma entrevista ao portal de notícias norte-americano Huffington Post, Dwyer contou que, durante suas caminhadas às montanhas de Catskills, nos EUA, ele percebeu que as folhas e os galhos das árvores obedeciam a uma sequência e ele queria saber o porquê. “Eu sabia que aqueles galhos e folhas coletavam a luz do sol para fotossíntese [...]”, disse o estudante.

Testes realizados mostram que a “árvore solar” é mais eficiente, inclusive em épocas de menor incidência solar. Outra vantagem é que, em épocas de nevasca, o sistema não fica “enterrado” pela neve e nem é prejudicado pela chuva, além do que ele ocupa menos espaço, sendo perfeito para ambientes urbanos onde o espaço e a luz solar direta podem ser difíceis de encontrar.

O estudante ganhou uma patente provisória do governo dos Estados Unidos, além do interesse de diversas entidades aparentemente “ansiosas” em comercializar sua inovação.

Apesar da grande divulgação dos méritos do menino de 13 anos, a invenção de Dwyer está sendo muito criticada pela comunidade científica, com relação aos métodos e técnicas usadas.

[adaptado de <http://www.ciclovivo.com.br/noticia.php/3206/>]

1. Por que o título diz que o menino revolucionou a captação de energia solar?

2. Como o menino se inspirou para criar o novo sistema?

3. As aspas são utilizadas no texto com funções diferentes. Explique.

4. Compare os textos 4 e 5 com relação ao tema, à linguagem e à finalidade.

	TEXTO 4	TEXTO 5
Tema		
Linguagem		
Finalidade		



Fique ligado!

Podemos utilizar a nossa língua para informar, objetivamente, de forma utilitária, ou trabalhar o modo de dizer de forma artística, para causar no leitor uma emoção, um efeito estético.

Quando a palavra é utilizada de forma predominantemente artística, subjetiva e figurada, temos o **texto literário**.

Essas formas de utilização da linguagem marcam a diferença entre o texto literário e o não literário.

Agora, reflita!

Comparando os textos 4 e 5, qual deles é literário? Como você pode perceber isso?

Texto 6 Mafalda



QUINO. *Toda Mafalda*. Martins Fontes: São Paulo, 2000.

1. A quem se refere o pronome “ela”, no segundo quadrinho?

2. O pai da Mafalda conclui que ela anda “fazendo poesia”. Ele fica satisfeito? Como você chegou a essa conclusão?

Texto 7

A incapacidade de ser verdadeiro

Paulo tinha fama de mentiroso. Um dia chegou em casa dizendo que vira no campo dois dragões-da-independência cuspindo fogo e lendo fotonovelas.

A mãe botou-o de castigo, mas na semana seguinte ele veio contando que caíra no pátio da escola um pedaço de lua, todo cheio de buraquinhos, feito queijo, e ele provou e tinha gosto de queijo. Desta vez, Paulo não só ficou sem sobremesa como foi proibido de jogar futebol durante quinze dias.

Quando o menino voltou falando que todas as borboletas da Terra passaram pela chácara de Siá Elpídia e queriam formar um tapete voador para transportá-lo ao sétimo céu, a mãe decidiu levá-lo ao médico. Após o exame, o Dr. Epaminondas abanou a cabeça:

— Não há nada a fazer, Dona Coló. Este menino é mesmo um caso de poesia.

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Histórias para o Rei*. Rio de Janeiro: Record, 1999.

1. Por que Paulo tinha fama de mentiroso?

2. No trecho “mas na semana seguinte ele veio contando que caíra no pátio da escola um pedaço de lua, todo cheio de buraquinhos, feito queijo”, substitua a palavra destacada por outra, sem mudar o sentido do texto.

3. A mãe muda de atitude à medida que o filho muda as histórias que conta. Explique essa mudança, completando o quadro:

História		Atitude da mãe
1ª história	“Um dia chegou em casa dizendo...fotonovelas”.	Colocou o menino de castigo.
2ª história		
3ª história		

4. A que conclusão o médico chega com relação ao menino?

5. O que significa no texto ser “um caso de poesia”?

6. Os textos 4 e 7 têm em comum a linguagem e, de certa forma, o tema. Comente essa afirmação.

7. Compare, nos textos 4 e 7, a visão das mães sobre o que seja um poeta.



obviousmag.org



submarino.com.br

Texto 8

Pensar é transgredir

Não lembro em que momento percebi que viver deveria ser uma permanente reinvenção de nós mesmos — para não morrermos soterrados na poeira da banalidade embora pareça que ainda estamos vivos.

Mas compreendi, num lampejo: então é isso, então é assim. Apesar dos medos, convém não ser demais fútil nem demais acomodada. Algumas vezes é preciso pegar o touro pelos chifres, mergulhar para depois ver o que acontece: porque a vida não tem de ser sorvida como uma taça que se esvazia, mas como o jarro que se renova a cada gole bebido.

Para reinventar-se é preciso pensar: isso aprendi muito cedo.

Apalpar, no nevoeiro de quem somos, algo que pareça uma essência: isso, mais ou menos, sou eu. Isso é o que eu queria ser, acredito ser, quero me tornar ou já fui. Muita inquietação por baixo das águas do cotidiano. Mais cômodo seria ficar com o travesseiro sobre a cabeça e adotar o lema reconfortante: "Parar pra pensar, nem pensar!"

O problema é que quando menos se espera ele chega, o sorrateiro pensamento que nos faz parar. [...]

Sem ter programado, a gente para pra pensar.

Pode ser um susto: como espiar de um berçário confortável para um corredor com mil possibilidades. Cada porta, uma escolha. Muitas vão se abrir para um nada ou para algum absurdo. Outras, para um jardim de promessas. Alguma, para a noite além da cerca. Hora de tirar os disfarces, aposentar as máscaras e reavaliar: reavaliar-se.

Pensar pede audácia, pois refletir é transgredir a ordem do superficial que nos pressiona tanto.

Somos demasiado frívolos: buscamos o atordoamento das mil distrações, corremos de um lado a outro achando que somos grandes cumpridores de tarefas. Quando o primeiro dever seria de vez em quando parar e analisar: quem a gente é, o que fazemos com a nossa vida, o tempo, os amores. E com as obrigações também, é claro, pois não temos sempre cinco anos de idade, quando a prioridade absoluta é dormir abraçado no urso de pelúcia e prosseguir, no sono, o sonho que afinal nessa idade ainda é a vida.

1. Segundo o texto, o que deveria ser VIVER?

2. Para você o que este viver significa?

3. Qual o efeito de sentido provocado pelo uso da palavra nevoeiro no texto?

4. A quem se refere o pronome?

5. O que significa, no 4º parágrafo, a expressão "ficar com o travesseiro sobre a cabeça"?

Mas pensar não é apenas a ameaça de enfrentar a alma no espelho: é sair para as varandas de si mesmo e olhar em torno, e quem sabe finalmente respirar.[...]

Se nos escondermos num canto escuro, abafando nossos questionamentos, não escutaremos o rumor do vento nas árvores do mundo. Nem compreenderemos que o prato das inevitáveis perdas pode pesar menos do que o dos possíveis ganhos.

Os ganhos ou os danos dependem da perspectiva e possibilidades de quem vai tecendo a sua história. O mundo em si não tem sentido sem o nosso olhar que lhe atribui identidade, sem o nosso pensamento que lhe confere alguma ordem.

Viver, como talvez morrer, é recriar-se: a vida não está aí apenas para ser suportada nem vivida, mas elaborada. Eventualmente reprogramada. Conscientemente executada. Muitas vezes, ousada.

Parece fácil: "escrever a respeito das coisas é fácil", já me disseram. Eu sei. Mas não é preciso realizar nada de espetacular, nem desejar nada excepcional. Não é preciso nem mesmo ser brilhante, importante, admirado.

Para viver de verdade, pensando e repensando a existência, para que ela valha a pena, é preciso ser amado; e amar; e amar-se. Ter esperança; qualquer esperança.

Questionar o que nos é imposto, sem rebeldias insensatas mas sem demasiada sensatez. Saborear o bom, mas aqui e ali enfrentar o ruim. Suportar sem se submeter, aceitar sem se humilhar, entregar-se sem renunciar a si mesmo e à possível dignidade.

Sonhar, porque se desistimos disso apaga-se a última claridade e nada mais valerá a pena. Escapar, na liberdade do pensamento, desse espírito de manada que trabalha obstinadamente para nos enquadrar, seja lá no que for.

E que o mínimo que a gente faça seja, a cada momento, o melhor que afinal se conseguiu fazer.

LUFT, Lya. *Pensar é Transgredir*. Rio de Janeiro: Record, 2004.

6. Qual o efeito do uso da expressão “sair para as varandas de si mesmo”?

7. Nesse parágrafo, que palavras se relacionam à

- a) como não deve ser a vida?
- b) como deve ser a vida?

8. Repare a repetição do “e”. Qual o efeito de sentido provocado por essa repetição?

9. Explique a que se refere a palavra “prato”, no parágrafo 11?

10. Qual o sentido da expressão “espírito de manada”? Que expressão popular poderia substituir a expressão “espírito de manada” sem mudar o sentido do texto?

11. A que outro texto lido neste Caderno esse trecho se relaciona? Justifique.

“Quem é você?
— Adivinha, se gosta de mim!
Hoje os dois mascarados
Procuram os seus namorados
Perguntando assim:
— Quem é você, diga logo...
— Que eu quero saber o seu jogo.[...]”

Noite dos mascarados. Chico Buarque
<http://letras.terra.com.br/chico-buarque/45153/>

Espaço criação

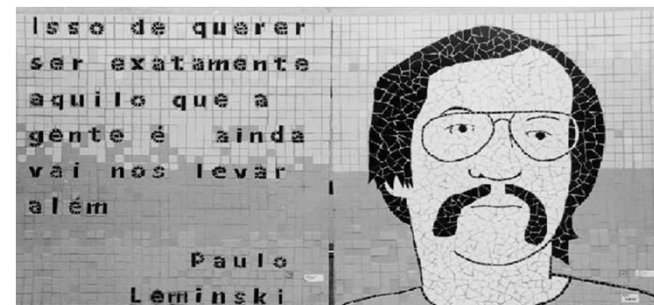


<http://www.minhaserie.com.br/serie/79-veronica-mars/novidades>

Reúna-se com seus colegas e elabore um questionário que permita a cada um refletir sobre a pergunta: quem é você? Depois, cada um deve responder ao questionário, elaborando um “**Perfil pessoal**”.

“Prefiro ser
Essa metamorfose ambulante
Eu prefiro ser
Essa metamorfose ambulante
Do que ter aquela velha opinião
Formada sobre tudo
Do que ter aquela velha opinião
Formada sobre tudo
Eu quero dizer
Agora, o oposto do que eu disse antes
Eu prefiro ser
Essa metamorfose ambulante[...]

Metamorfose Ambulante. Raul Seixas
<http://letras.terra.com/raulseixas>



<http://pauloleminskipoemas.blogspot.com/>

Texto 1

Máscara

Pitty

Diga, quem você é me diga
Me fale sobre a sua estrada
Me conte sobre a sua vida
Tira a máscara que cobre o seu rosto
Se mostre e eu descubro se eu gosto
Do seu verdadeiro jeito de ser
Ninguém merece ser só mais um bonitinho
Nem transparecer, consciente, inconsequente
Sem se preocupar em ser adulto ou criança
O importante é ser você
Mesmo que seja estranho, seja você
Mesmo que seja bizarro, bizarro, bizarro
Mesmo que seja estranho, seja você
Mesmo que seja...
[...]O meu cabelo não é igual
A sua roupa não é igual
Ao meu tamanho, não é igual
Ao seu caráter, não é igual
Não é igual, não é igual, não é igual
I had enough of it
But I don't care
I had enough of it
But I don't care
Diga quem você é, me diga
Me fale sobre a sua estrada
Me conte sobre a sua vida
E o importante é ser você
Mesmo que seja estranho, seja você
Mesmo que seja bizarro, bizarro, bizarro
Mesmo que seja estranho, seja você
[...]

<http://letras.terra.com.br/pitty/80314/>

1. Qual o verso da canção que melhor define o seu tema?

2. No verso “Ninguém merece ser só mais um bonitinho”, a palavra “bonitinho” está sendo usada como substantivo. Observe o artigo “um”, que vem antes dele. Qual o efeito de sentido provocado por esse diminutivo?

3. Qual o efeito da repetição da expressão “não é igual” (versos 15, 16, 17, 18 e 19)?

4. No verso “**Mesmo que** seja estranho, seja você” substitua a expressão destacada por outra equivalente.

5. Que pedido o eu lírico faz ao seu interlocutor?

6. Qual o sentido da palavra máscara no texto?

7. O texto é formal ou informal? Indique elementos da canção que justifiquem a sua resposta.

Texto 2



http://www.devir.com.br/index_new/s.php?id_texto=3163

1. Compare o significado da palavra máscara no texto 1 e no texto 2. Explique-o.

Texto 3



QUINO. *Toda Mafalda*. Martins Fontes: São Paulo, 2000.

1. Relacione a fala da menina, no último quadrinho, com a atitude do cachorro.

2. Relacione o texto 3 com a canção da Pitty.

Texto 4

Quando não sei onde guardei um papel importante e a procura se revela inútil, pergunto-me: se eu fosse eu e tivesse um papel importante para guardar, que lugar escolheria? Às vezes dá certo. Mas muitas vezes fico tão pressionada pela frase "se eu fosse eu", que a procura do papel se torna secundária, e começo a pensar. Diria melhor, sentir.

E não me sinto bem. Experimente: se você fosse você, como seria e o que faria? Logo de início se sente um constrangimento: a mentira em que nos acomodamos acabou de ser levemente locomovida do lugar onde se acomodara. No entanto já li biografias de pessoas que de repente passavam a ser elas mesmas, e mudavam inteiramente de vida. Acho que se eu fosse realmente eu, os amigos não me cumprimentariam na rua porque até minha fisionomia teria mudado. Como? Não sei.

Metade das coisas que eu faria se eu fosse eu, não posso contar. Acho, por exemplo, que por um certo motivo eu terminaria presa na cadeia. E se eu fosse eu daria tudo o que é meu, e confiaria o futuro ao futuro.

"Se eu fosse eu" parece representar o nosso maior perigo de viver, parece a entrada nova no desconhecido. No entanto tenho a intuição de que, passadas as primeiras chamadas loucuras da festa que seria, teríamos enfim a experiência do mundo. Bem sei, experimentaríamos enfim em pleno a dor do mundo. E a nossa dor, aquela que aprendemos a não sentir. Mas também seríamos por vezes tomados de um êxtase de alegria pura e legítima que mal posso adivinhar. Não, acho que já estou de algum modo adivinhando porque me senti sorrindo e também senti uma espécie de pudor que se tem diante do que é grande demais.

LISPECTOR, Clarice . *A Descoberta do Mundo*. Rocco: Rio de Janeiro, 1999.

1. O que causa o “não sentir-se bem” que o narrador expressa, no segundo parágrafo?

2. Por que a procura de um papel importante, em alguns momentos, torna-se secundária?

3. Observe o primeiro parágrafo. Teria o mesmo efeito dizer “Não sei onde guardei **um** papel importante” e não sei onde guardei **o** papel importante? Explique.

4. Retire do segundo parágrafo um trecho em que está explícita a interlocução com o leitor.

5. O que significa, no segundo parágrafo, “passavam a ser elas mesmas”?

6. De acordo com o que diz no terceiro parágrafo, como o narrador se vê?

7. No trecho “Bem sei, experimentaríamos enfim **em pleno** a dor do mundo” (quarto parágrafo), substitua o termo destacado por outro, sem alterar o sentido.

Texto 5



VEJA Edição n. 17 - 30/04/2008

Texto 6



midiaemfoco.com.br

Texto 7



zazzle.com.br

Você sabia?

ARCIBOLDO (1526-1593) foi um pintor italiano.

Os três textos desta página podem ser relacionados à frase “Você é o que você come”.

1. Qual a finalidade dos textos 5 e 6?

2. Como os textos 6 e 7 se relacionam à frase “você é o que você come”?

Agora, é com você!

Seu desafio é escrever um texto brincando com palavras e imagens. Escolha uma das possibilidades abaixo e solte a imaginação!

Como você seria se fosse...?

- uma música...

- uma paisagem...

- um remédio...

Lembre-se de utilizar a linguagem verbal e a não verbal.



Fique ligado!

Vários textos deste Caderno são de base narrativa, contam uma história.

Uma das características básicas do texto narrativo é a progressão temporal entre os acontecimentos relatados. Para isso é importante a utilização de palavras e/ou expressões que marcam a passagem do tempo. Os verbos também são fundamentais. A narrativa utiliza verbos preferencialmente no tempo passado.

A proposta a seguir é que você possa contar quem você é.

Nossa história de vida nos ajuda a nos construirmos a cada dia. Você já pensou nos fatos que marcam a sua história de vida?

Existem pessoas que registram a sua história de vida em textos. Vale a pena você conhecer um gênero discursivo de base narrativa muito interessante: a AUTOBIOGRAFIA.

A palavra **AUTOBIOGRAFIA** se origina de **BIOGRAFIA** – termo derivado de “**bio**” que significa vida, e “**grafia**” que significa escrever ou descrever. A BIOGRAFIA é um texto que objetiva contar a vida de uma pessoa. Já a AUTOBIOGRAFIA é o texto em que a própria pessoa conta a sua vida (AUTO – radical grego que significa si mesmo).

A biografia é escrita pelo biógrafo através de pesquisas em documentos, cartas, depoimentos de testemunhas e do próprio biografado. A autobiografia é resultado do levantamento das memórias da própria pessoa que a escreve, podendo, também, envolver pesquisa em documentos – cartas, fotos etc.

Para saber mais...

A biografia de uma pessoa pode ser escrita sem o seu consentimento. Ela é chamada, então, de biografia não autorizada. Em geral, as biografias não autorizadas causam polêmica, trazendo segredos que o biografado não gostaria de revelar e/ou diferentes versões para os fatos.

Espaço pesquisa

Sugerimos que você vá à Sala de Leitura e procure por biografias. Existem várias no acervo! Escolha uma pessoa importante e descubra mais sobre ela! Depois, combine com seu/sua Professor/a e leia para a turma os fatos mais importantes da vida da pessoa que você escolheu.

O próximo texto é uma autobiografia!



Texto 8

Autobiografia

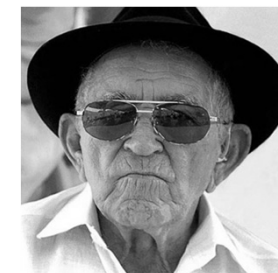
Eu, Antônio Gonçalves da Silva, filho de Pedro Gonçalves da Silva e de Maria Pereira da Silva, nasci, aqui, no sítio denominado Serra de Santana, que dista três léguas da cidade de Assaré. Meu pai, agricultor muito pobre, era possuidor de uma pequena parte de terra, a qual, depois de sua morte, foi dividida entre os cinco filhos que ficaram, quatro homens e uma mulher. Eu sou o segundo filho.

Quando completei oito anos, fiquei órfão de pai e tive que trabalhar muito, ao lado de meu irmão mais velho, para sustentar os mais novos, pois ficamos em completa pobreza. Com a idade de doze anos, frequentei uma escola muito atrasada, na qual passei quatro meses, porém sem interromper muito o trabalho de agricultor. Saí da escola lendo o segundo livro de Felisberto de Carvalho e daquele tempo para cá não frequentei mais escola nenhuma, porém sempre lidando com as letras, quando dispunha de tempo para este fim. Desde muito criança que sou apaixonado pela poesia, onde alguém lia versos, eu tinha que demorar para ouvi-los. De treze a quatorze anos comecei a fazer versinhos que serviam de graça para os serranos, pois o sentido de tais versos era o seguinte: brincadeiras de noite de São João, testamento do Juba, ataque aos preguiçosos, que deixavam o mato estragar os plantios das roças, etc. Com 16 anos de idade, comprei uma viola e comecei a cantar de improviso, pois naquele tempo eu já improvisava, glosando os motes que os interessados me apresentavam.

Nunca quis fazer profissão de minha musa, sempre tenho cantado, glosado e recitado, quando alguém me convida para este fim.

Quando eu estava nos 20 anos de idade, o nosso parente José Alexandre Montoril, que mora no estado do Pará, veio visitar o Assaré, que é seu torrão natal, e ouvindo falar de meus versos, veio à nossa casa e pediu à minha mãe para que ela deixasse eu ir com ele ao Pará, prometendo custear todas as despesas. Minha mãe, embora muito chorosa, confiou-me ao seu primo, o qual fez o que prometeu, tratando-me como se trata um próprio filho.

Chegando ao Pará, aquele parente apresentou-me a José Carvalho, filho de Crato, que era tabelião do 1º Cartório de Belém. Naquele tempo, José Carvalho estava trabalhando na publicação de seu livro “O matuto Cearense e o Caboclo do Pará”, o qual tem um capítulo referente a minha pessoa e o motivo da viagem ao Pará. Passei naquele estado apenas cinco meses, durante os quais não fiz outra coisa, senão cantar ao som da viola com os cantadores que lá encontrei.



blog.teatrodope.com.br



bomba-h.blogspot.com

De volta do Ceará, José Carvalho deu-me uma carta de recomendação, para ser entregue à Dra. Henriqueta Galeno, que recebendo a carta, acolheu-me com muita atenção em seu Salão, onde cantei os motes que me deram. Quando cheguei na Serra de Santana, continuei na mesma vida de pobre agricultor; depois casei-me com uma parenta e sou hoje pai de uma numerosa família, para quem trabalho na pequena parte de terra que herdei de meu pai.[...]

Nasci a 5 de março de 1909. Perdi a vista direita, no período da dentição, em consequência da moléstia vulgarmente conhecida por dor-d'olhos.

Desde que comecei a trabalhar na agricultura, até hoje, nunca passei um ano sem botar a minha roçazinha, só não plantei roça no ano em que fui ao Pará.

Glossário: glosar – fazer glosa;
glosa – composição poética a que servem de mote os quatro versos de uma quadra.
mote – conceito expresso numa quadra para ser glosado

ANTÔNIO GONÇALVES DA SILVA, Patativa do Assaré.

<http://blog.teatrodope.com.br/2007/07/06/autobiografia-de-patativa-do-assare>

1. Quem escreveu a autobiografia?

2. Percebe-se que o autor do texto escreve sua autobiografia em um sítio — Serra de Santana. Que palavra do primeiro parágrafo nos revela esse detalhe?

3. No texto, há expressões que explicam ou identificam o que foi dito antes. Por exemplo: “Eu, **Antônio Gonçalves da Silva, filho de Pedro Gonçalves da Silva e de Maria Pereira da Silva**, nasci aqui, no Sítio denominado Serra de Santana”, Note que os termos em destaque se referem a Eu (o autobiografado). Essas expressões são chamadas de APOSTO. Localize, então, no primeiro parágrafo, outro trecho em que ocorre o APOSTO, transcrevendo-o e identificando a quem ele se refere.

4. Por que Antônio Gonçalves da Silva teve que trabalhar ainda criança?

5. Que sentido têm, no texto, as palavras “musa” (segundo parágrafo) e “torrão” (terceiro parágrafo)?

6. No trecho “Com 16 anos de idade, comprei uma viola e comecei a cantar de improviso, pois **naquele tempo** eu já improvisava, [...]”, a que se refere o termo destacado?

7. Segundo o texto, qual a ocupação de Antônio Gonçalves da Silva? O que ele gostava de fazer?

8. Enquanto esteve no Pará, o que fazia Antônio Gonçalves da Silva?

9. Como ficou conhecido Antônio Gonçalves da Silva?



jornallivre.com.br

10. No texto, a ideia da passagem do tempo é muito importante. Sublinhe as palavras ou expressões que marcam o tempo na autobiografia de Patativa do Assaré.

Você já reparou que, num texto, existem palavras ou expressões que servem para ligar palavras e frases? Essa ligação torna o texto **ARTICULADO**.

É como se houvesse uma costura, unindo partes do texto e estabelecendo relações... construindo sentidos.

Algumas expressões indicam:

- conclusão: “então”, “assim”;
- causal explicação: “porque”, “pois”;
- oposição – “mas”, “porém”.

Há também elementos que podem ligar palavras - de, com, em, sem, sobre, para...

Todos os elementos que servem para ligar recebem o nome de conectivos, porque conectar = ligar

Agora, é a sua vez!

Seu desafio é escrever a sua autobiografia. Seu texto deve ser uma narrativa em prosa. Vamos, passo a passo, para que ele fique muito interessante.



1º passo – Escreva aqui os principais fatos que marcaram a sua vida e constarão da sua autobiografia.

silentlyworld.blogspot.com



2º passo – Escolha a ordem em que esses fatos aparecerão no seu texto.

Uma boa maneira de organizar o texto é pensar na construção de pelo menos três parágrafos – começo, meio e fim. Outra questão a se pensar é se você vai optar pela *ordem cronológica* (*ordem dos acontecimentos seguindo o tempo cronológico, sequência de fatos ordenados como no calendário*).

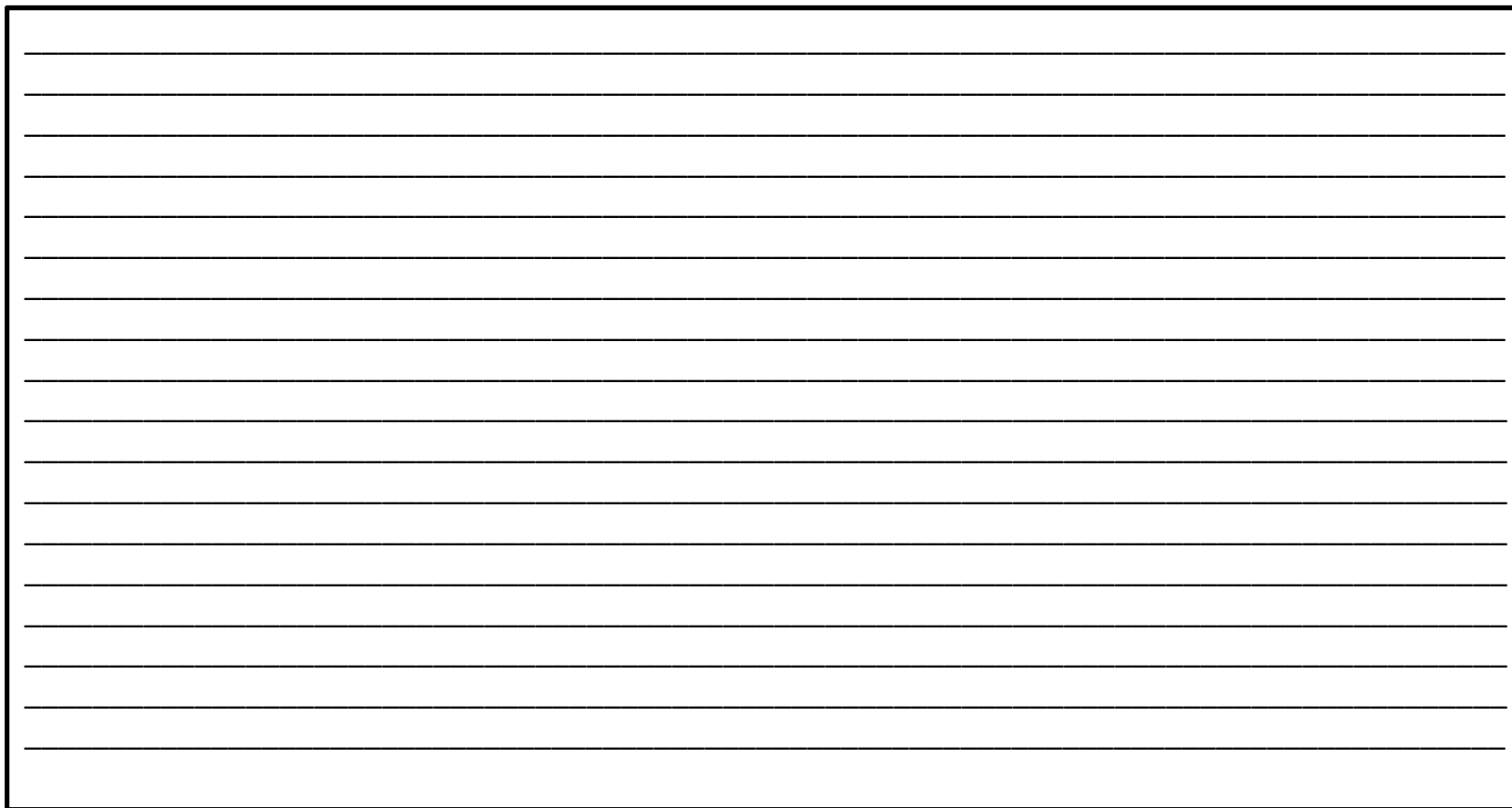
Decida e organize-se aqui.

Começo

Meio

Fim

3º passo - Escreva aqui a sua autobiografia. Não se esqueça de dar a ela um título que desperte a atenção do leitor.



Revise seu texto:
Ele cumpre a função de uma
autobiografia?

Verifique
também a
pontuação, a
concordância e
a ortografia.

Reescreva e
compartilhe
seu texto
com os
colegas!

Texto 9
A vida de Patativa do Assaré

I

Em um mil e novecentos,
E nove, era o ano
Cinco de março era o dia
Que no Ceará foi chegando
O poeta Patativa
A figura mais querida
Lá de Serra de Santana.

II

Antônio Gonçalves da Silva
Ele assim foi batizado
Mas o nome de Patativa
Que nele foi colocado
Pois com todo sofrimento
De miséria, seca e lamento
Seu canto era o mais cantado.

III

Filho de família pobre
Sem nenhuma formatura
Morando sempre na roça
E tendo pouca leitura
Mas com nada se abatia
Tinha o dom da poesia
A mais bela das culturas.

[...]

VI

Logo com os treze anos
Começou fazer versinhos
Que serviam de “chacotas”
Para alguns dos seus vizinhos
Mas tinha a sabedoria
E o dom da poesia
Para seguir seu caminho.

VII

Aos dezesseis anos
Comprou logo uma viola
Cantava e improvisava
Em tudo e a qualquer hora
E de tudo o que vinha na mente
Ele fazia um repente
Ficando assim, na história.

[...]

XVI

Foi longa sua trajetória
No sertão do Cariri
E pelo nordeste afora
Cantava pro povo rir
E através da poesia
Ele levava alegria
Pra quem quisesse ouvir.

[...]

Veja outra forma de contar a vida de Patativa...

XXI

Leitores vou terminando
Este sublime cordel
Da vida de Patativa
Homem doce feito mel
Que nos deu muita alegria
Mas hoje faz poesia
Com os anjos, lá no céu.



dancasfolcloricas.blogspot.com

Adaptado de Raimundo Nonato Medrado do Nascimento
<http://www.nacaocultural.pe.gov.br/cordel-a-vida-de-patativa-do-assare/>

Compare o texto 8 com o texto 9. O que eles têm de semelhante e de diferente

a) quanto à estrutura –

b) quanto à finalidade –

c) quanto ao tema –

Atividade 3 – Na atividade anterior, você foi desafiado a contar sua vida...
Nesta atividade, vamos estudar um pouco a arte de contar...histórias.



Texto 1

O Conto se apresenta

Moacyr Scliar

Olá!

Não, não adianta olhar ao redor: você não vai me enxergar. Não sou uma pessoa como você. Sou, vamos dizer assim, uma voz. Uma voz que fala com você ao vivo, como estou fazendo agora. Ou então que lhe fala dos livros que você lê.

Não fique tão surpreso assim: você me conhece. Na verdade, somos até velhos amigos. Você já me ouviu falando de Chapeuzinho Vermelho e do Príncipe Encantado, de reis, de bruxas, do Saci-Pererê. Falo de muitas coisas, conto muitas histórias, mas nunca falei de mim próprio. É o que eu vou fazer agora, em homenagem a você. E começo me apresentando: eu sou o Conto. Sabe o conto de fadas, o conto de mistério? Sou eu. O Conto.

Vejo que você ficou curioso. Quer saber coisas sobre mim. Por exemplo, qual a minha idade.

Devo lhe dizer que sou muito antigo. Porque contar histórias é uma coisa que as pessoas fazem há muito, muito tempo. É uma coisa natural, que brota de dentro da gente. Faça o seguinte: feche os olhos e imagine uma cena, uma cena que se passou há muitos milhares de anos. É de noite e uma tribo dos nossos antepassados, aqueles que viviam nas cavernas, está sentada em redor da fogueira. Eles têm medo do escuro, porque no escuro estão as feras que os ameaçam, aqueles enormes tigres, e outras mais. Então alguém olha para a lua e pergunta: por que é que às vezes a lua desaparece? Todos se voltam para um homem velho, que é uma espécie de guru para eles. Esperam que o homem dê a resposta. Mas ele não sabe o que responder. E então eu apareço. Eu, o Conto. Surjo lá da escuridão e, sem que ninguém note, falo baixinho ao ouvido do velho:

— Conte uma história para eles.

E ele conta. É uma história sobre um grande tigre que anda pelo céu e que de vez em quando come a lua. E a lua some. Mas a lua não é uma coisa muito boa para comer, de modo que lá pelas tantas o grande tigre bota a lua para fora de novo. E ela aparece no céu, brilhante.

Você consegue perceber que o texto dialoga com alguém?

Marque palavras ou expressões que revelam esse diálogo.

Com quem o texto dialoga?

Você percebeu que a palavra Conto é escrita com letra maiúscula? Por que será?

Observe que há uma história dentro da outra...

Todos escutam o conto. Todo mundo: homens, mulheres, crianças. Todos estão encantados. E felizes: antes, havia um mistério: por que a lua some? Agora, aquele mistério não existe mais. Existe uma história que fala de coisas que eles conhecem: tigre, lua, comer — mas fala como essas coisas poderiam ser, não como elas são. Existe um conto. As pessoas vão lembrar esse conto por toda a vida. E quando as crianças da tribo crescerem e tiverem seus próprios filhos, vão contar a história para explicar a eles por que a lua some de vez em quando. Aquele conto. No começo, portanto, é assim que eu existo: quando as pessoas falam em mim, quando as pessoas narram histórias — sobre deuses, sobre monstros, sobre criaturas fantásticas. Histórias que atravessam os tempos, que duram séculos. Como eu.

Aí surge a escrita. Uma grande invenção, a escrita, você não concorda? Com a escrita, eu não existo mais somente como uma voz. Agora estou ali, naqueles sinais chamados letras, que permitem que pessoas se comuniquem, mesmo à distância. E aquelas histórias — sobre deuses, sobre monstros, sobre criaturas fantásticas — vão aparecer em forma de palavra escrita.

E é neste momento que eu tenho uma grande ideia. Uma inspiração, vamos dizer assim. Você sabe o que é inspiração? Inspiração é aquela descoberta que a gente faz de repente, de repente tem uma ideia muito boa. A inspiração não vem de fora, não; não é uma coisa misteriosa que entra na nossa cabeça. A boa ideia já estava dentro de nós; só que a gente não sabia. A gente tem muitas boas ideias, pode crer.

E então, com aquela boa ideia, chego perto de um homem ainda jovem. Ele não me vê. Como você não me vê. Eu me apresento, como me apresentei a você, digo-lhe que estou ali com uma missão especial — com um pedido:

— Escreva uma história.

Segundo o texto, como nasce um conto?

A quem se refere o pronome “eles”, no trecho “para explicar a eles por que a lua some de vez em quando”?

Para o Conto, porque a escrita é uma grande invenção?

Você percebeu que o texto é escrito em linguagem predominantemente informal? Marque, neste parágrafo, trechos que indiquem essa informalidade.

Numa narrativa, o **narrador** conta a história. Esse narrador pode ser personagem da história ou não. Neste conto, quem é o narrador? Ele é personagem?

Num primeiro momento, ele fica surpreso, assim como você ficou. Na verdade, ele já havia pensado nisso, em escrever uma história. Mas tinha dúvidas: ele, escrever uma história? Como aquelas histórias que todas as pessoas contavam e que vinham de um passado? Ele, escrever uma história? E assinar seu próprio nome? Será que pode fazer isso? Dou força:

— Vá em frente, cara. Escreva uma história. Você vai gostar de escrever. E as pessoas vão gostar de ler.

Então ele senta, e escreve uma história. É uma história sobre uma criança, uma história muito bonita. Ele lê o que escreveu. Nota que algumas coisas não ficaram muito bem. Então escreve de novo. E de novo. E mais uma vez. E aí, sim, ele gosta do que escreveu. Mostra para outras pessoas, para os amigos, para a namorada. Todos gostam, todos se emocionam com a história.

E eu vou em frente. Procuro uma moça muito delicada, muito sensível. Mesma coisa:

— Escreva uma história.

Ela escreve. E assim vão surgindo escritores. Os contos deles aparecem em jornais, em revistas, em livros.

Já não são histórias sobre deuses, sobre criaturas fantásticas. Não, são histórias sobre gente comum — porque as histórias sobre as pessoas comuns muitas vezes são mais interessantes do que histórias sobre deuses e criaturas fantásticas: até porque deuses e criaturas fantásticas podem ser inventados por qualquer pessoa. O mundo da nossa imaginação é muito grande. Mas a nossa vida, a vida de cada dia, está cheia de emoções. E onde há emoção, pode haver conto. Onde há gente que sabe usar as palavras para emocionar pessoas, para transmitir idéias, existem escritores.

(...)

Posso ir embora. Vou em busca de outros garotos e outras garotas. Para quem vou me apresentar:

— Eu sou o Conto.

Você reparou como esse narrador é esperto? Ele sabe de tudo! Sabe até o que os personagens pensam...

Fique ligado. Isso também é importante.

Observe o que o Conto fala sobre o processo de escrita. O que você pode aprender com ele para usar quando for escrever seus textos?

Retire deste parágrafo um trecho que revela opinião.

Você já ouviu muitas histórias oralmente? As pessoas mais velhas costumam contar casos de outros tempos...

Como você viu no texto 1, um conto pode nascer de uma roda de conversa, como uma história oral, contada por alguém mais experiente, mais vivido.

Agora é com você! Reúna-se com seus colegas para uma “**roda de histórias**”. Cada um de vocês deve relembrar uma história contada oralmente por alguém mais velho que vocês. Vale também convidar alguém de mais idade para vir participar dessa roda. Com certeza vai ser muito produtivo!



Fique ligado!

Como você viu, o texto 1 é um conto. Aliás, o próprio Conto se apresentou... Ele era narrador e personagem. Agora, vamos ampliar nosso conhecimento sobre o texto de base narrativa enfocando o gênero CONTO.

De maneira geral, o conto é mais breve que um romance e apresenta número reduzido de personagens. O tempo e o espaço em que se desenvolve a história também são mais restritos.

Podemos dizer que esse gênero textual apresenta **sequências de fatos**, que são vividos pelos **personagens**, num determinado **tempo** e **lugar**. Existe também um **narrador**, aquele que conta a história.

Esses são os elementos do texto de base narrativa: *personagem, tempo, lugar, ação e narrador*.

O narrador pode se apresentar como narrador-personagem, ou seja, aquele que participa das ações, dos fatos; ou como narrador-observador, que não participa da história, somente a observa e narra.

Veja só essa diferença em dois textos que você já leu:

“O diamante

Um dia, Maria chegou em casa da escola muito triste.

— O que foi?— perguntou a mãe de Maria.

Mas Maria nem quis conversa. Foi direto para o seu quarto, pegou o seu Snoopy e se atirou na cama, onde ficou deitada, emburrada.

A mãe de Maria foi ver se Maria estava com febre. Não estava. Perguntou se Maria estava sentindo alguma coisa. Não estava. Perguntou se estava com fome. Não estava. Perguntou o que era, então.

— Nada — disse Maria. [...]”

Atividade 1

Narrador-observador

Observe os verbos em terceira pessoa

”O Conto se apresenta

[...] E então, com aquela boa ideia, chego perto de um homem ainda jovem. Ele não me vê. Como você não me vê. Eu me apresento, como me apresentei a você, digo-lhe que estou ali com uma missão especial — com um pedido:

— Escreva uma história. [...]”

Atividade 3

Narrador-personagem

Observe os verbos em primeira pessoa

Texto 2

O ladrão

Quem descobriu o ladrão na garage foi o meu irmão mais moço. Veio correndo nos contar, e a princípio não queríamos acreditar, porque embora nossa casa ficasse num bairro distante e fosse meio isolada, era uma quinta-feira à tarde e não podíamos admitir que um ladrão viesse nos roubar à luz do dia. Em todo caso fomos lá.

Espiámos por uma frincha da porta, e de fato lá estava o ladrão, um velhinho magro — mas não estava roubando nada, estava olhando os trastes da garage (que era mais um depósito, porque há tempo não tínhamos mais carro). Rindo baixinho e nos entendendo por sinais nós o trancamos ali.

À noite voltou a mãe. Chegou cansada, como sempre — desde a morte do pai trabalhava como costureira — e resmungando. Que é que vocês andaram fazendo? — perguntou, desconfiada — vocês estão rindo muito. Não é nada, mãe, respondemos, nós quatro (o mais velho com doze anos). Não estamos rindo de nada.

Naquela noite não deu para fazer nada com o ladrão, porque a mãe tinha sono leve. Mas espiávamos pela janela do quarto, víamos que a porta da garage continuava trancada — e aquilo nos animava barbaridade. Mal podíamos esperar que amanhecesse — mas enfim amanheceu, a mãe foi trabalhar e a casa ficou só para nós.

Corremos para a garage. Olhamos pela frincha e ali estava o velho ladrão, sentado numa poltrona quebrada, muito desanimado. Aí, seu ladrão! — gritamos. Levantou-se, assustado. Abram, gente — pediu, quase chorando — abram. Me deixem sair, eu prometo que não volto mais aqui.

Claro que nós não íamos abrir e dissemos a ele, nós não vamos abrir. Me deem um pouco de comida, então — ele disse — estou com muita fome, faz três dias que não como. O que é que tu nos dás em troca, perguntou o meu irmão mais velho.

Ficou em silêncio um tempo, depois disse: eu faço uma magia para vocês. Magia! Nos olhamos. Que magia, perguntamos. Ele: eu transformo coisas no que vocês quiserem.

Meu irmão mais velho, que era muito desconfiado, resolveu tirar a limpo aquela história. Enfiou uma varinha pela frincha e disse: transforma esta varinha num bicho. Esperem um pouco — disse o velho, numa voz sumida.

Esperamos. Daí a pouco, espremendo-se pela frincha, apareceu um camundongo. É meu — gritou o caçula, e se apossou do ratinho. Rindo do guri, trouxemos uma fatia de pão para o velho.

Nos dias que se seguiram ele transformou muitas coisas — tampinhas de garrafa em moedas, um prego em relógio (velho, não funcionava) — e assim por diante. Mas veio o dia em que batemos à porta da garage e ele não respondeu. Espiávamos pela frincha, não víamos ninguém. Meu irmão mais velho — esperem aqui vocês — abriu a porta com toda cautela. Entrou, pôs-se a procurar o ladrão entre os trastes:

— Pneu velho, não é ele...Colchão rasgado, não é ele...

Enfim, não o achou, e esquecemos a história. Eu, particularmente, fiquei com certas dúvidas: pneu velho, não era ele?



SCLIAR. Moacyr. *Histórias divertidas*. São Paulo: Ática, 2003.

1. No trecho, “Veio correndo **nos** contar, e a princípio não queríamos acreditar, [...]”, a que se refere a palavra destacada?

2. Por que os irmãos se animavam ao verem que a porta da garage continuava fechada?

3. “Naquela noite não deu para fazer nada com o ladrão, porque a mãe tinha sono leve.” O que poderia acontecer se os meninos tivessem feito algo, já que a mãe tinha sono leve?

4. Que características da mãe e da relação dela com os filhos depreende-se da leitura do terceiro parágrafo?

5. No trecho “Naquela noite não deu para fazer nada com o ladrão, porque a mãe tinha sono leve.”, que expressão nos dá ideia de tempo?

6. No trecho “Mas espiávamos pela janela do quarto, víamos que a porta da garage continuava trancada — e **aquilo** nos animava barbaridade.”, a que se refere a palavra destacada?

7. No trecho “Mas espiávamos pela janela do quarto, víamos que a porta da garage continuava trancada — e aquilo nos animava **barbaridade**.”, qual o sentido da palavra destacada?

8. No trecho “Meu irmão mais velho, que era muito desconfiado, resolveu **tirar a limpo** aquela história.”, qual o sentido da expressão em destaque?

9. Por que os meninos levaram uma fatia de pão para o velho?

10. Podemos dizer que esse conto tem elementos fantasiosos, mágicos? Explique.

11. O narrador do texto é personagem ou observador? Justifique, citando um trecho.

Um conto, em geral, possui uma estrutura mais ou menos composta pelos seguintes momentos: *situação inicial (ou apresentação), conflito, clímax e desfecho*. Para compreender cada um desses momentos, leia os quadros que se seguem e preencha, analisando o conto “O ladrão”.

Apresentação



Geralmente o início do conto, em que podem ser apresentados os elementos da narrativa (espaço, tempo, personagens), situando o leitor.
Alguns contos modernos optam por omitir a apresentação, entrando, abruptamente, no assunto, provocando surpresa no leitor.

Apresentação



Conflito gerador	Conflito gerador
Momento em que surge um fato novo que muda o rumo da história.	
Clímax	Clímax
Momento culminante, de maior tensão dentro da história.	
Desfecho	Desfecho
Conclusão da história, normalmente apresentando a solução do conflito.	

Vamos ler mais um conto. Compare sua estrutura com a do texto. Observe como ela é diferente.

Texto 3

O esmagamento das gotas

EU NÃO SEI, olhe, é terrível como chove. Chove o tempo todo, lá fora fechado e cinza, aqui contra a sacada com gotões coalhados e duros que fazem plaf e se esmagam como bofetadas um atrás do outro, que tédio. Agora aparece a gotinha no alto da esquadria da janela, fica tremelicando contra o céu que esmigalha em mil brilhos apagados, vai crescendo e balouça, já vai cair e não cai, não cai ainda. Está segura com todas as unhas, não quer cair e se vê que ela se agarra com os dentes enquanto lhe cresce a barriga, já é uma gotona que pende majestosa e de repente zup, lá vai ela, plaf, desmanchada, nada, uma viscosidade no mármore. Mas há as que se suicidam e logo se entregam, brotam na esquadria e de lá mesmo se jogam, parece-me ver a vibração do salto, suas perninhas desprendendo-se e o grito que as embriaga nesse nada do cair e aniquilar-se. Tristes gotas, redondas inocentes gotas. Adeus gotas. Adeus.

CORTÁZAR, Julio. *Histórias de cronópios e de famas*. Civilização Brasileira: Rio de Janeiro, 1977.

A quem se dirige o verbo “olhe” neste trecho?

Quem são os personagens do conto?

Como o narrador nomeia o personagem ao longo do conto?

Repare na apresentação do conto. Como ele “apresenta” os elementos da narrativa?

Identifique, no texto, palavras que representam sons (onomatopeias).

A que se refere o termo “as” neste trecho?

Você sabe que a palavra “gotinha” está no diminutivo, que expressa o significado de “tamanho pequeno”. Além desse, que outro significado o diminutivo pode ter nesse caso?



Fique ligado!

Personificação ou prosopopeia é uma figura de linguagem que consiste em atribuir características e/ou ações humanas a seres inanimados.

No texto, as gotas são personificadas. Retire do texto trechos que confirmam essa afirmativa.

Texto 4

De muito procurar

Aquele homem caminhava sempre de cabeça baixa. Por tristeza, não. Por atenção. Era um homem à procura. À procura de tudo o que os outros deixassem cair inadvertidamente, uma moeda, uma conta de colar, um botão de madrepérola, uma chave, a fivela de um sapato, um brinco frouxo, um anel largo demais.

Recolhia, e ia pondo nos bolsos. Tão fundos e pesados, que pareciam ancorá-lo à terra. Tão inchados, que davam contornos de gordo à sua magra silhueta.

Silencioso e discreto, sem nunca encarar que quer que fosse, os olhos sempre voltados para o chão, o homem passava pelas ruas despercebido, como se invisível. Cruzasse duas ou três vezes diante da padaria, não se lembraria o padeiro de tê-lo visto, nem lhe endereçaria a palavra. Sequer ladravam os cães, quando se aproximava das casas.

Mas aquele homem que não era, via longe. Entre as pedras do calçamento, as rodas das carroças, os cascos dos cavalos e os pés das pessoas que passavam indiferentes, ele era capaz de catar dois elos de uma correntinha partida, sorrindo secreto como se tivesse colhido uma fruta.

À noite, no cômodo que era toda sua moradia, revirava os bolsos sobre a mesa e, debruçado sobre seu tesouro espalhado, colhia com a ponta dos dedos uma ou outra mínima coisa, para que à luz da vela ganhasse brilho e vida. Com isso, fazia-se companhia. E a cabeça só se punha para trás quando, afinal, a deitava no travesseiro.

Estava justamente deitando-se, na noite em que bateram à porta. Acendeu a vela. Era um moço.

Teria por acaso encontrado a sua chave? Perguntou. Morava sozinho, não podia voltar para casa sem ela.

Eu... Esquivou-se o homem. O senhor, sim, insistiu o moço acrescentando que ele próprio já havia vasculhado as ruas inutilmente.

Mas quem disse...resmungou o homem, segurando a porta com o pé para impedir a entrada do outro.

Continuamos nossa viagem pelos contos...



1. O homem, personagem principal do texto, é descrito ao longo do conto. Como ele é?

2. A que se referem os adjetivos “fundos e pesados” e “inchados”?

3. No trecho “Mas aquele homem **que não era**, via longe.” (4º parágrafo), a que característica do homem o narrador se refere com a expressão em destaque.

4. Escreva, de outra forma, a frase “Com isso, fazia-se companhia”, no quinto parágrafo, substituindo o SE por aquilo que ele se refere.

5. Repare que há um diálogo no trecho que vai do oitavo ao décimo parágrafo. Escreva-o, usando a pontuação característica de um diálogo.

Foi a velha da esquina que se faz de cega, insistiu o jovem sem empurrar, diz que o senhor enxerga por dois.

O homem abriu a porta.

Entraram. Chaves havia muitas sobre a mesa. Mas não era nenhuma daquelas. O homem então meteu as mãos nos bolsos, remexeu, tirou uma pedrinha vermelha, um prego, três chaves. Eram parecidas, o moço levou as três, devolveria as duas que não fossem suas.

Passados dias bateram à porta. O homem abriu, pensando que fosse o moço. Era uma senhora.

Um moço me disse... Começou ela. Havia perdido o botão de prata da gola e o moço lhe havia garantido que o homem saberia encontrá-lo. Devolveu as duas chaves do outro. Saiu levando seu botão na palma da mão.

Bateram à porta várias vezes nos dias que se seguiram. Pouco a pouco espalhava-se a fama do homem.

Pouco a pouco esvaziava-se a mesa dos seus haveres.

Soprava um vento quente, giravam folhas no ar, naquele fim de tarde, nem bem outono, em que a mulher veio. Não bateu à porta, encontrou-a aberta. Na soleira, o homem rastreava as juntas dos paralelepípedos. Seu olhar esbarrou na ponta delicada do sapato, na barra da saia. E manteve-se baixo.

Perdi o juízo, murmurou ela com voz abafada, por favor, me ajude.

Assim, pela primeira vez, o homem passou a procurar alguma coisa que não sabia como fosse. E para reconhecê-la, caso desse com ela, levava consigo a mulher.

Saíam com a primeira luz. Ele trancando a porta, ela já a esperá-lo na rua. E sem levantar a cabeça — não fosse passar inadvertidamente pelo juízo perdido — o homem começava a percorrer rua após rua.

Mas a mulher não estava afeita a abaixar a cabeça. E andando, o homem percebia de repente que os passos dela já não batiam ao seu lado, que seu som se afastava em outra direção. Então parava, e sem erguer o olhar, deixava-se guiar pelo taque-taque dos saltos, até encontrar à sua frente a ponta delicada dos sapatos e recomeçar, junto deles, a busca.

6. O que significam as reticências nesse trecho?

7. A quem se refere a palavra destacada em: “Devolveu as duas chaves do outro”?

8. O que significa o termo “ seus haveres”? (16º parágrafo)

9. A chegada da mulher provocou inicialmente duas mudanças na vida do homem. Quais?

10. O que significa a expressão “afeita”, neste parágrafo?

Taque-taque hoje, taque-taque amanhã, aquela estranha dupla começou a percorrer caminhos que o homem nunca havia trilhado. Quem procura objetos perdidos vai pelas ruas mais movimentadas, onde as pessoas se esbarram, onde a pressa leva à distração, ruas onde vozes, rincar de rodas, bater de pés, relinchos e chamados se fundem e ondeiam. Mas a mulher que andava com a cabeça para o alto ia onde pudesse ver árvores e pássaros e largos pedaços de céu, onde houvesse panos estendidos no varal. Aos poucos, mudavam os sons, chegavam ao homem latidos, cacarejar de galinhas.

O olhar que tudo sabia achar não parecia mais tão atento. O que procurar afinal entre fios de grama senão formigas e besouros?

Os bolsos pendiam vazios. O homem distraía-se. Um caracol, uma poça d'água prendiam sua atenção, e o vento lhe fazia cócegas. Metia o pé na pegada achada na lama, como esse brincasse.

Taque-taque, conduziam-no os pés pequenos dia após dia. Taque-taque, crescia aquele som no coração do homem.

Achei! Exclamou afinal. E a mulher sobressaltou-se. Achei! Repetiu ele triunfante. Mas não era o que haviam combinado procurar. Na grama, colhida agora entre dois dedos, o homem havia encontrado a primeira violeta da primavera. E quando levantou a cabeça e endireitou o corpo para oferecê-la a ela, o homem soube que ele também acabava de perder o juízo.

COLASANTI. Marina. *Histórias de um viajante*. São Paulo: Global, 2005.

11. Quem guiava a busca, o homem ou a mulher? Justifique retirando um trecho do texto.

12. Por que a mulher ia por caminhos diferentes do que os que o homem costumava usar nas suas buscas?

13. Ao dizer que o som do sapato crescia no coração do homem, o texto está dizendo, figuradamente, o quê?

14. Para o homem, o que significa perder o juízo?



Fique ligado!

Os próximos textos são trechos de um **ROMANCE**. O romance é outro gênero de base narrativa, como o conto. Podemos dizer que uma diferença essencial entre eles é que o conto possui somente um conflito gerador e o romance pode ter vários.

Fique atento, pois os textos são o PRÓLOGO – parte inicial, introdutória – e o EPÍLOGO – parte final, conclusão – de um romance.

Texto 5
PRÓLOGO**O menino e o homem**

Quando chovia, no meu tempo de menino, a casa virava um festival de goteiras. Eram pingos do teto ensopando o soalho de todas as salas e quartos. Seguia-se um corre-corre dos diabos, todo mundo levando e trazendo baldes, bacias, panelas, penicos e o que mais houvesse para aparar a água que caía e para que os vazamentos não se transformassem numa inundação. Os mais velhos ficavam aborrecidos, eu não entendia a razão: aquilo era uma distração das mais excitantes.

E me divertia a valer quando uma nova goteira aparecia, o pessoal correndo para lá e para cá, e esvaziando as vasilhas que transbordavam. Os diferentes ruídos das gotas d'água retinindo no vasilhame, acompanhados do som oco dos passos em atropelo nas tábuas largas do chão, formavam uma alegre melodia, às vezes enriquecida pelas sonoras pancadas do relógio de parede dando horas.

Passado o temporal, meu pai subia ao forro da casa pelo alçapão, o mesmo que usávamos como entrada para a reunião da nossa sociedade secreta. Depois de examinar o telhado, descia, aborrecido. Não conseguia descobrir sequer uma telha quebrada, por onde pudesse penetrar tanta água da chuva, como invariavelmente acontecia. Um mistério a mais, naquela casa cheia de mistérios.

[...]

Texto 6
EPÍLOGO**O homem e o menino**

Paro de escrever, levanto os olhos do papel para o relógio de parede: cinco horas. As sonoras pancadas começam a soar uma a uma, como antigamente em nossa casa.

É um relógio bem antigo. Foi do meu avô, depois do meu pai, hoje é meu e um dia será do meu filho. Seu tique-taque imperturbável me acompanha todas as horas de vigília o dia inteiro e noite adentro, segundo a segundo, do tempo vivido por mim.

[...]

Cansado de tantas recordações, afasto-me do relógio e caminho até a janela, olho para fora.

Assombrado, em vez de ver os costumeiros edifícios, cujos fundos dão para o meu apartamento em Ipanema, o que eu vejo é uma mangueira — a mangueira do quintal de minha casa, em Belo Horizonte. Vejo até uma manga amarelinha de tão madura, como aquela que um dia quis dar para a Mariana e por causa dela acabei matando uma rolinha. Daqui da minha janela posso avistar todo o quintal, como antigamente: a caixa de areia que um dia transformei numa piscina, o bambuzal de onde parti para o meu primeiro voo. Volto-me para dentro e descubro que já não estou na sala cheia de estantes com livros do meu apartamento, mas no meu quarto de menino: a minha cama e a do Toninho, o armário de cujo espelho um dia se destacou um menino igual a mim...

Saio para a sala. Vejo meus pais conversando de mãos dadas no sofá, como costumavam fazer todas as tardes, antes do jantar. Comovido, dirijo-me a eles:

— Papai... Mamãe...

Mas eles não me veem. Nem parecem ter-me ouvido, como se eu não existisse. Ganho o corredor, passo pela copa onde o relógio está acabando de bater cinco horas. Atravesso a cozinha, vendo a Alzira a remexer em suas panelas, sem tomar conhecimento da minha existência. Desço a escada para o quintal e dou com um garotinho agachado junto às poças d'água da chuva que caiu há pouco, entretido com umas formigas. Dirijo-me a ele, e ficamos conversando algum tempo.

Depois me despeço e refaço todo o caminho de volta até o meu quarto. Vou à janela, olho para fora. O que vejo agora é a paisagem de sempre, o fundo dos edifícios voltados para mim, iluminados pelas luzes do entardecer em Ipanema. Ouço o relógio soando a última pancada das cinco horas. Viro-me, e me vejo de novo no meu apartamento.

Caminho até a mesa, debruço-me sobre a máquina que abandonei há instantes. Leio as últimas palavras escritas no papel:

... Até desaparecer em direção ao infinito.

Sento-me, e escrevo a única que falta:

FIM

SABINO, Fernando. *O menino no espelho*. Rio de Janeiro: Record, 1998.

1. Qual a causa do corre-corre na casa do menino?

2. Qual o trecho do texto que nos deixa perceber que havia muitas goteiras?

3. Como os mais velhos e o menino encaravam as goteiras da casa?

4. Após ler o prólogo e o epílogo, responda quem é o narrador em cada uma das partes do romance.



5. Um jogo de palavras foi usado em cada uma das partes para antecipar essa informação. Onde ocorre e como se dá o jogo de palavras?

6. No trecho do epílogo “Cansado de tantas **recordações**, afasto-me do relógio e caminho até a janela, olho para fora.” A que se refere a palavra destacada?

7. Onde morou o personagem-narrador?

8. Da janela do seu apartamento em Ipanema, o que o narrador-personagem imagina que vê e, depois do momento de recordação, o que vê realmente?

9. Que elementos são característicos desse quintal, na infância em Belo Horizonte?

10. Que efeito causa no narrador suas lembranças da infância?

11. Por que os pais do narrador-personagem e Alzira não o veem?

12. Ao longo do epílogo, podemos perceber, explicitamente, palavras que representam os estados físicos e emocionais do narrador. Localize e transcreva essas palavras.

13. Que elemento do apartamento do narrador, em Ipanema, proporciona a viagem ao passado e o retorno ao presente?

Agora, você é o escritor!

<http://sentidoparaavi-da.blogspot.com/>



Seu desafio é escrever um conto. O conteúdo desse conto é uma memória retirada das muitas que ajudaram a construir a sua história de vida. Essas memórias também ajudam a construir a sua identidade...

Você pode até desenvolver algum fato anunciado na sua autobiografia, transformando-o num conto. Assim como o menino do romance do qual acabou de ler trechos, convidamos você a viajar pela memória... e contar!

Para isso, vamos passo a passo.

1º passo



Planeje seu conto.

Escreva aqui uma lista de memórias que poderiam virar um conto. Faça uma tempestade de ideias.

2º passo



Analise as memórias que você listou e escolha a que vai virar um conto.

Após isso, você pode usar uma estratégia para contá-la de forma rápida, usando as perguntas abaixo. Assim, vai ficar mais fácil ir construindo seu texto e melhorando-o.

O quê?

Como?

Quando?

Onde?

Por quê?



3º passo - Agora, pare e reflita sobre os elementos que vão constituir a sua narrativa.

○ **narrador**

Quem vai narrar o seu texto?

O narrador será observador ou personagem?

○ **tempo**

Em que tempo se dá essa história?

Você vai narrar no tempo cronológico ou psicológico?

○ **espaço**

Em que cenário vai se passar a sua história? Em que ambiente vão acontecer os fatos?

Definir o espaço é importante para que os leitores possam imaginar o ambiente no qual a ação ocorre.

Os **personagens**

Quem será o protagonista de seu conto?

“Protagonista é o personagem principal da narrativa.”

Defina suas características para que você possa mostrá-lo aos seus leitores.

Descrição

Para definir o espaço e os personagens, você pode fazer uso da **descrição**.

Descrever é expor com detalhes.

Uma descrição pode ser **objetiva**, quando se fixa nos detalhes concretos, de forma direta e clara; ou **subjativa**, quando revela detalhes a partir de um ponto de vista particular, pessoal.

Exemplo: descrição de uma mulher.

Descrição objetiva: Mulher alta, de cabelos compridos e olhos castanhos.

Descrição subjativa: Meiga, doce no modo de tratar as pessoas, expansiva nas emoções.



Fique ligado!

4º passo

Agora, organize seu texto, segundo a estrutura clássica do conto.



Apresentação

Conflito gerador

Clímax

Desfecho

5º passo



Escreva aqui o seu texto. Não se esqueça do título.

This image shows a single sheet of white paper with horizontal blue or grey ruling lines. The lines are evenly spaced and run across the width of the page. There is no handwriting or other markings on the paper.

6º passo



Revisar seu texto:

ele tem as características de um conto?

Verifique também a pontuação, a concordância e a ortografia.

Reescreva e compartilhe seu texto com os colegas!

Chegamos à última atividade deste caderno pedagógico. Você já leu sobre identidade, já escreveu sua autobiografia, já aprendeu mais sobre os contos... Agora, seu desafio é refletir sobre a relação eu/o outro. Você vai ler diferentes textos que permitem pensar em como deve ser a convivência com o outro.



Texto 1



QUINO. *Toda Mafalda*. Martins Fontes: São Paulo, 2000.

1. O menino Filipe está com um problema e vai pedir ajuda aos seus amigos. O que há de comum nas falas dos amigos de Filipe?

2. Qual o efeito de sentido do uso das letras em negrito e maiores?

3. Leia o último quadrinho. Os amigos realmente ajudaram Filipe? Explique.

4. Nos quadrinhos 2, 4 e 5, aparece o termo “se”. Que ideia é expressa por ele?

Colocar-se no lugar do outro é realmente coisa de amigo. Mas não deveria ser coisa **só** de amigo... Para o próximo texto, a proposta é que você faça uma leitura interrompida. As observações vão dando pistas.

Texto 2
Ousadia

O que esse título anuncia do texto?

Por que você acha que a moça ficou contrariada?

A moça ia no ônibus muito contente desta vida, mas, ao saltar, a contrariedade se anunciou:

- A sua passagem já está paga – disse o motorista.
- Paga por quem?
- Esse cavalheiro aí.

E apontou um mulato bem-vestido que acabara de deixar o ônibus, e aguardava com um sorriso junto à calçada.

Antes de passar ao próximo trecho, formule algumas outras hipóteses.

Por que o rapaz sorriu?

Quem será esse rapaz? Que intenção ele teve ao pagar a passagem da moça? Será que ela o conhece?

Ao ler o próximo trecho, verifique se as suas hipóteses se confirmam...

– É algum engano, não conheço esse homem. Faça o favor de receber.

– Mas já está paga...

– Faça o favor de receber! – insistiu ela, estendendo o dinheiro e falando bem alto para que o homem ouvisse:

– Já disse que não conheço! Sujeito atrevido, ainda fica ali me esperando, o senhor não está vendo? Vamos, faço questão que o senhor receba minha passagem.

O motorista ergueu os ombros e acabou recebendo: melhor para ele, ganhava duas vezes.

A moça saltou do ônibus e passou fuzilando de indignação pelo homem. Foi seguindo pela rua, sem olhar para ele.

Pela leitura desse trecho, que ideia a moça está fazendo do rapaz?

Como será que essa história continua? Será que a moça e o rapaz seguem caminhos diferentes?

No trecho “[...] melhor para **ele**, ganhava duas vezes.” e no trecho “Foi seguindo pela rua, sem olhar para **ele**.”, a quem se referem os termos destacados?

Se olhasse, veria que ele a seguia, meio ressabiado, a alguns passos.

Somente quando dobrou à direita para entrar no edifício onde morava, arriscou uma espiada: lá vinha ele! Correu para o apartamento, que era no térreo, pôs-se a bater, aflita:

– Abre! Abre aí!

A empregada veio abrir e ela irrompeu pela sala, contando aos pais atônitos, em termos confusos, a sua aventura:

– Descarado, como é que tem coragem? Me seguiu até aqui!

De súbito, ao voltar-se, viu pela porta aberta que o homem ainda estava lá fora, no saguão. Protegida pela presença dos pais, ousou enfrentá-lo:

– Olha ele ali! É ele, venham ver! Ainda está ali, o sem-vergonha. Mas que ousadia!

O que no trecho demonstra o estado de aflição exagerada da moça?

Qual era a ousadia a que se refere este trecho?

Refleta antes de ler o último trecho: por que será que o rapaz seguiu a moça?

Todos se precipitaram para a porta. A empregada levou as mãos à cabeça:

– Mas a senhora, como é que pode! É o Marcelo.

– Marcelo? Que Marcelo? – a moça se voltou, surpreendida.

– Marcelo, o meu noivo. A senhora conhece ele, foi quem pintou o apartamento.

A moça só faltou morrer de vergonha:

– É mesmo, é o Marcelo! Como é que eu não reconheci! Você me desculpe, Marcelo, por favor.

No saguão, Marcelo torcia as mãos, encabulado:

– A senhora é que me desculpe, foi muita ousadia...

Por que a moça “só faltou morrer de vergonha”?

O que você pode perceber da personalidade de Marcelo a partir desse trecho?

SABINO, Fernando. *Ousadia*. In: Para gostar de ler – Crônicas. São Paulo: Ática, 1981.

O que Marcelo considerou “ousadia”?

Texto 3

Umbigolândia

Dias desses encontrei uma amiga que me disse que está achando tudo e todo mundo chato. Que a violência está demais, que o dinheiro não dá pra nada, que o trânsito está uma loucura, que o amor já era, que ninguém mais quer amar ninguém, homem é uma raça em extinção e por aí vai. Em seguida abanou os braços, gritou “Táxi!” e, antes de entrar no carro, arrematou:

— E ainda tem esses táxis uó de vidro preto que a gente nunca sabe se estão vazios ou ocupados! Beijão, vê se me liga você também, pô!

E foi embora, largando no meu colo aquela corbeille de reclamações e uma cobradinha final. Fiquei ali, parado, pensando nas palavras dela, enquanto o táxi de vidro preto empacava no trânsito uma quadra adiante. É, minha amiga, certamente a vida não anda nada fácil, quem sai de casa não sabe se volta, namorar está brabo e aí de quem reagir a qualquer tipo de violência. Reagir é um perigo mesmo. Principalmente se a reação for de ordem mais, digamos, psicológica, tipo reagir-a-algum-comentário-maldoso-sobre-você-na-sua-cara. Neste quesito eu tenho muita dificuldade: ou não reajo ou só reajo uma semana depois. Naquele breve encontro, só minha amiga falou. Despejou suas reclamações em cima de mim e se mandou. E eu fiquei sem reação.

Bem, reagir como, se ela não me deu chance? Só ela falou e eu fiquei ali de “vinagrete” – só de acompanhamento. E o que é reagir? Penso que, ao pé da letra, reagir significa agir novamente, ou “agir de volta”. E por que reagir é um perigo? Porque a reação confere ao outro o poder de tomar posição. Ter atitude. Trocar. Crescer. Será? Talvez. Mas está tão difícil reagir. Trocar. Crescer. Está difícil dialogar. Vivemos a era do monólogo, do “eu” exacerbado, do “meu espaço”, da “minha individualidade”, do “meu momento”, enfim, da Umbigolândia. E é cada vez maior a população desta estranha terra, ocupada por um único habitante, rei e súdito ao mesmo tempo: o ego. Na Umbigolândia, só uma pessoa interessa: o eu. O outro é mera circunstância. O assunto é um só. Só um fala e ponto. Eu sei que estou generalizando, e me perdoem por isso. Mas do jeito que a coisa está, não me resta pensar em outra coisa.

Foi minha amiga quem, involuntariamente, trouxe essas questões à minha mente. A escuta está virando artigo de luxo. Aquele que tem o dom da escuta – sim, nos dias de hoje escutar o outro é honrar um dom – tem aberto o canal da inteligência. Do crescimento. Do auto-conhecimento e do conhecimento do outro. Do mundo. E é INCRÍVEL como a indústria do consumo corteja sem parar o individualismo desenfreado. A internet, então, é a fada madrinha dos solitários. Bibiti-bobiti-bum! E lá está você diante do mundo. Sozinho. E o universo faz a sua parte conspirando a favor. Conspirando e pirando. É muita gente no mundo. Muita gente procurando. Buscando. Querendo. Pouca gente escutando. Encontrando. Suprindo. E quanto mais gente, mais ego. E quanto mais ego, mais solidão.

Na Umbigolândia, ego gera ego. E o profeta disse que gentileza gera gentileza. Pra minha amiga, que está (espero eu) passando uma temporada na Umbigolândia, isso não interessa, até porque quem mora lá não enxerga um palmo adiante do umbigo. Pra quem mora aqui na Terra mesmo, a premissa do profeta é um toque. Gentileza gera gentileza. Que gera escuta. Que gera troca. Que torna mais suportáveis problemas modernos como egolatria, consumo desenfreado, falta de amor, de companhia, de solidão. Se bem que a solidão não sente falta de companhia. Até porque ela está sempre ao lado de alguém.

Aloísio de Abreu - *Revista O Globo* 23/03/2008

1. O primeiro e o segundo parágrafos revelam o estado de espírito da amiga do cronista. Como ela está encarando a vida?

2. Que sentido tem, no texto, a expressão “corbeille de reclamações” ?

3. A que trecho se refere a palavra “cobradinha”, no terceiro parágrafo?

4. Há, no texto, algumas marcas típicas da linguagem informal e oral. Retire alguns exemplos que confirmem essa afirmativa.

5. Que trecho do texto confirma que o cronista tem dificuldade em reagir a algum comentário maldoso?

6. Que associação é feita em “Só ela falou e eu fiquei ali de “vinagrete” – só de acompanhamento.”, no quarto parágrafo?

7. Segundo o texto, por que reagir é perigoso?

8. A que palavra estão relacionados os termos “a era do monólogo” , ‘do “eu” exacerbado’, “meu espaço”, minha individualidade”, “meu momento”, no quarto parágrafo?

9. A que se refere, no quarto parágrafo, a expressão “estranha terra”?

10. Quem é o único habitante dessa “estranha terra”?

11. Segundo o texto, qual a consequência de saber ouvir o outro?

12. Por que a internet é considerada “fada madrinha dos solitários”?

13. A que está relacionada a expressão “Bibiti-bobiti-bum”?

14. O trecho “[...] não enxerga um palmo adiante do umbigo” está associado a que dito popular?

15. Qual a premissa do profeta, presente no texto?

16. Num texto que defende uma ideia, essa ideia recebe o nome de TESE. Qual a tese defendida neste texto?

17. Observe a estrutura do trecho “Gentileza gera gentileza. Que gera escuta. Que gera troca. Que torna mais suportáveis problemas modernos...”. Qual o efeito da repetição dos termos destacados?

Os textos 2 e 3 são crônicas. Relembre um pouco sobre esse gênero.

“A crônica é um comentário leve e breve sobre algum fato cotidiano. Apresenta linguagem simples, espontânea, como se fosse uma conversa com o leitor. Lirismo e humor são características bastante presentes nas crônicas. Esse gênero apresenta diferenças no modo de abordagem. Há crônicas mais narrativas ou mais descritivas, mais líricas ou mais humorísticas, mais argumentativas ou mais emocionais.”

Adaptado do Caderno de Apoio Pedagógico, 7º ano, segundo bimestre de 2011.

O texto 2 é uma crônica narrativa que conta uma história. Já o texto 3, não inventa uma história; narra uma situação para fazer um comentário, para defender uma ideia.



Fique ligado!

Os textos dialogam entre si e esse fenômeno recebe o nome de **intertextualidade**.

A crônica “Umbigolândia” cita a frase mais conhecida do Profeta Gentileza.

Observe como a intertextualidade ocorre nos textos 4 e 5.

Para saber mais...

José Datrino, mais conhecido como **Profeta Gentileza**, foi uma personalidade urbana carioca, espécie de pregador, que se tornou conhecido nos anos 1980 por fazer inscrições peculiares sob um viaduto no Rio de Janeiro. Gentileza andava com uma túnica branca e longa barba.

“Gentileza gera gentileza” é a sua frase mais conhecida.

Adaptado de
http://pt.wikipedia.org/wiki/Profeta_Gentileza.



Imagem de uma inscrição de gentileza, num viaduto do Rio.

oimpressionista.wordpress.com

Texto 4



alissolimadesigner.blogspot.com

1. Como o texto não verbal complementa o texto verbal nessa propaganda?

2. Qual a finalidade do texto?

Texto 5

MOSTRE QUE A HORTIFRUTI GENTILEZA PODE GERAR MUITO MAIS DO QUE GENTILEZAS. NO DIA MUNDIAL DO MEIO AMBIENTE DÊ DE PRESENTE UMA SACOLA RETORNÁVEL PARA QUEM VOCÊ GOSTA. SUA BOA AÇÃO GERA RESPEITO AO MEIO AMBIENTE E GRANDES BENEFÍCIOS PARA A NATUREZA. SE VOCÊ AINDA NÃO TEM, COMPRE A SUA.



5 de junho
Dia Mundial do
Meio Ambiente

1. Como esse texto dialoga com o que se divulga sobre o Profeta Gentileza?

2. Qual a finalidade do texto?



